

TOME UMA POSIÇÃO



# TOME UMA POSIÇÃO

Assuma com coragem as consequências de sua fé

—

RUSSELL MOORE

Traduzido por Cecília Eller

  
mundocristão

Copyright © 2020 por Russell Moore  
Publicado originalmente por B&H Publishing Group,  
Nashville, Tennessee, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da  
*Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House  
Foundation, salvo as seguintes indicações: *Almeida  
Revista e Atualizada*, 2ª edição (RA), e *Nova Almeida  
Atualizada* (NAA), ambas da Sociedade Bíblica do  
Brasil, e *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia  
Internacional.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei  
9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou  
parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos,  
mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia  
autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

M813t

Moore, Russell, 1971-  
Tome uma posição : assuma com coragem as  
consequências de sua fé / Russell Moore ; tradução Cecília  
Eller. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2021.  
256 p.

Tradução de: The courage to stand  
ISBN 978-65-5988-021-8

1. Cristianismo. 2. Vida cristã. 3. Crescimento  
espiritual. I. Eller, Cecília. II. Título.

21-71814

CDD: 234.8  
CDU: 27-584

*Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472*

**Categoria:** Espiritualidade  
**1ª edição:** outubro de 2021

**Edição**  
Daniel Faria  
**Revisão**  
Natália Custódio  
**Produção e diagramação**  
Felipe Marques  
**Colaboração**  
Ana Luiza Ferreira  
**Capa**  
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos  
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69  
São Paulo, SP, Brasil  
CEP 04810-020  
Telefone: (11) 2127-4147  
[www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

*Aos meus pais,  
Gary e Renee Moore,*

*Muito obrigado.*



# Sumário

.....

<i>Introdução</i>	9
1. Coragem e crise	17
<i>O que você faz aqui?</i>	
2. Coragem e ansiedade	38
<i>Confiança em meio ao medo</i>	
3. Coragem e vergonha	67
<i>Liberte-se dos julgamentos</i>	
4. Coragem e integridade	94
<i>Plenitude em meio à crise</i>	
5. Coragem e vulnerabilidade	128
<i>Poder em meio à fraqueza</i>	
6. Coragem e comunidade	162
<i>Conexão em meio à solidão</i>	
7. Coragem e justiça	191
<i>Retidão em meio à irrelevância</i>	
8. Coragem e o futuro	220
<i>Sentido em meio ao mistério</i>	
<i>Conclusão</i>	247
<i>Agradecimentos</i>	250
<i>Notas</i>	251



# Introdução

.....

Sempre que eu me perco na vida, tenho dois mapas na parede que me ajudam a encontrar o caminho de volta para casa. Isso acontece com mais frequência do que eu gostaria de admitir, mas, sempre que ocorre, os mapas estão lá. Um dos mapas é do estado de Mississippi, com um pontilhado em cima da região litorânea onde cresci. O outro é de uma terra chamada Nárnia. Esses mapas me ajudam a me lembrar quem sou, mas, o mais importante, lembram-me quem eu não sou e quase fui.

E eu quase fui um adolescente suicida.

Escrevi e apaguei essa frase pelo menos uma dúzia de vezes. Fico assustado ao expor essa realidade, pois nunca falei desse assunto, nem mesmo com amigos íntimos. Mas esse é o grande propósito deste livro: encontrar uma forma — em meio ao medo, de algum jeito, e depois de tentar de tudo — de se manter em pé.

Os mapas não passam de pedaços de papel, mas, para mim, são praticamente portais para realidades alternativas, e em uma delas estou morto. Na outra realidade, encontrei o caminho para Nárnia, por dentro de um guarda-roupa em um quarto desocupado em algum lugar da Inglaterra.

Eu sei que muitas pessoas passam a vida inteira com traumas e cicatrizes causados por sua comunidade religiosa da infância. Já ouvi essas histórias com tanta frequência que

fico impressionado ao reconhecer o quanto as narrativas costumam ser semelhantes, a despeito da diferença de contexto religioso. A maioria dos cétricos incrédulos que conheço em *campi* universitários ou outros lugares são polidos e sinceros. Aprendi a reconhecer, porém, sempre que encontro alguém hostil que me ridiculariza por causa de minha fé, que em quase todas as situações há muita dor por baixo dessa postura, uma dor proveniente, na maioria das vezes, de uma religião cruel ou decepcionante. Essa, contudo, não é minha história. Na verdade, a igreja na qual cresci era um alívio para mim, o lugar mais seguro que eu conseguia e até hoje consigo imaginar. Quase todos os nossos pastores eram líderes autênticos e humildes, e ainda hoje, em meus melhores dias, tenho a aspiração de ser como eles. Os homens e as mulheres da igreja também eram assim. Mesmo seus defeitos e quedas, como todos nós temos, eram um exemplo para esta criança de um mundo no qual o evangelho de fato parecia uma boa-nova. E quando cantavam “Eu me sinto feliz em cantar com os meus e pertencer à família de Deus”, eu conseguia perceber que eram sinceros. E eu também era. Não quero idealizar aquela pequena congregação, mas é difícil não fazê-lo, uma vez que, quanto mais o tempo passa, mais me convenço de que Deus realmente agia naquele lugar. Encho-me de gratidão sempre que cheiro algo que evoque aquelas salas emboloradas da escola dominical, ou toda vez que chupo chiclete de canela, que uma das senhorinhas me dava logo antes do culto. Quando recito o credo “Creio na comunhão dos santos”, o que me vem à mente primeiro não é uma assembleia dos antigos pais, de reformadores ou de missionários famosos, mas, sim, daquelas pessoas, caminhoneiros e atendentes e eletricitas, que me mostravam o que significava Jesus me amar.

Além disso, nosso calendário litúrgico não era cheio de cerimônias; era sediado em Nashville, não em Roma ou Canterbury. Mas o ritmo daquele calendário organizava minha vida assim como a de um monge medieval. Havia o reavivamento de outono e primavera, os acampamentos de verão para os jovens, a escola dominical toda semana, o treinamento evangelístico e os ensaios do coral. E, claro, havia a Bíblia. Às vezes, sinto que o inglês moderno é minha segunda língua e a versão King James é minha língua materna. Eu vivia, respirava e encontrava meu ser naquele livro. Tenho medalhas e premiações para provar isso! É difícil imaginar algo do tipo hoje, mas, naquele mundo, era comum haver a “Corrida da Espada”, uma espécie de concurso no qual as crianças competiam para ver quem encontrava mais rápido os versículos da Bíblia (“espada” porque a Palavra de Deus é a “espada do Espírito” e “mais afiada que espada de dois gumes”). Com muita frequência, eu vencia esses embates, não por ser mais inteligente ou mais santo do que meus colegas, mas por ser fascinado pelas histórias daquele livro. Isso era verdade até mesmo para as partes da Bíblia que me pareciam incompreensíveis até eu chegar à puberdade, como Cântico dos Cânticos ou, ainda hoje, o Apocalipse de João.

Minha igreja não era um lugar traumático, mas, ainda assim, o trauma me encontrou. Por volta dos quinze anos de idade, achei-me em um mundo sombrio, em uma crise espiritual que saiu de controle e quase se tornou uma depressão paralisante. Embora minha igreja não tenha causado a crise, não consegui recorrer a ela naquele momento, pois comecei a me perguntar se Jesus não seria o problema, em vez da solução. O que causou a crise foi o mundo cristão fora de minha igreja, o cristianismo americano do Cinturão da Bíblia, algo fácil de perceber, pois aquele tipo de religiosidade cultural

era o ecossistema no qual vivíamos. Boa parte dele me parecia cada vez mais falso e até mesmo predatório. Além disso, porém, comecei a temer que talvez o cristianismo fosse um meio para um fim. Mais uma vez, eu não questionava a autenticidade de meus pais e mães na fé, mas passei a ter medo de que eles pudessem ser exceções, em lugar da regra do que significa ser cristão. Embora jamais tenha duvidado da sinceridade daquelas pessoas, comecei a me perguntar se elas, juntamente comigo, estávamos sendo logrados.

Parte desse sentimento veio com a explosão, na época, de conferências proféticas e exposições sobre o fim dos tempos em quase todas as cidades e emissoras de rádio. Pessoas que raramente iam à igreja — qualquer igreja — dirigiam por quilômetros a fim de ouvir um evangelista explicar por que a fundação do estado secular de Israel significava, quase de forma garantida, que o mundo acabaria em 1988. Isso seria quando eu completasse dezesseis anos. Deveria ser uma notícia empolgante, eu sabia, mas, em vez disso, eu era um adolescente virgem esquisitão me perguntando por que, se era para ter uma vivência pessoal de um daqueles livros incompreensíveis, não poderia ser Cântico dos Cânticos, em lugar de Apocalipse.

O ano de 1988 chegou e acabou. Eu continuava firme com os gráficos proféticos e a virgindade. Mas ninguém pediu desculpas, nem explicou por que aquelas predições não se cumpriram. Da mesma forma, a União Soviética deveria ser Gogue e Magogue das profecias, dando início à batalha cataclísmica do Armagedom. Assim nos disseram. Passou-se o tempo, porém, e a bandeira do Kremlin foi retirada. Mas ninguém nos explicou por que o mundo jamais foi forçado a se ajoelhar perante Gogue. O problema, para mim, não eram apenas as falhas óbvias de precisão, em contraste com a autoridade

usada para fazer as predições; a principal questão era que as evidências bíblicas para todas essas coisas pareciam secundárias, diante do interesse que despertavam. Os textos das Escrituras usados para embasar todas aquelas declarações provocadoras eram bombardeados tão rapidamente, sem nenhum contexto, que só um campeão da “Corrida da Espada” seria capaz de encontrá-los todos. Checar os fatos das alegações, então, era tarefa impossível. Mas eu era um campeão da “Corrida da Espada”. E tudo parecia mostrar que o propósito daquelas coisas era algo bem diferente de uma leitura cuidadosa do que a Bíblia dizia.

Então qual seria o objetivo? Talvez fosse política ou cultura. Políticos visitavam igrejas de nossa região, embora não a nossa, e eu consegui notar que aqueles “testemunhos” quase sempre aconteciam pouco antes das eleições. Todos os políticos eram candidatos à reeleição e eram afiliados ao mesmo partido defendido pelos pregadores que os convidavam. Se Jesus foi capaz de chamar ao mesmo tempo para o discipulado um publicano e um zelote no primeiro século, eu me perguntava por que todos os seus seguidores, ou pelo menos aqueles que podiam contar suas histórias no púlpito, eram do mesmo grupinho. É claro que os publicanos não eram equivalentes aos funcionários da Receita Federal dos nossos dias. Em vez disso, eram colaboradores do império romano que, com frequência, fraudavam e intimidavam o próprio povo em seu serviço. Os zelotes eram aqueles que queriam, a qualquer preço, derrubar as forças romanas invasoras. Não é possível haver divisão social e cultural mais ampla do que a existente entre esses dois grupos, e era um modelo que eu não identificava na cultura à minha volta. Embora esse tipo de cristianismo partidário felizmente fosse raro em minha igreja, em

todos os lugares à minha volta parecia haver praticamente uma esquizofrenia na relação entre igreja e estado.

Quando havia questões populares junto à “base eleitoral” dos frequentadores das igrejas da região — até mesmo assuntos absolutamente tangenciais como diminuição de impostos ou redução de subsídios públicos para pesquisas na área de armamentos — havia uma posição “cristã” clara e todos deveríamos nos posicionar do lado de Jesus, já que ou ele é Senhor de tudo, ou não é senhor. Mas no que se referia, por exemplo, ao tratamento dispensado aos negros — que evidentemente era importante no estado do Mississippi após o fim das leis de segregação racial — de repente se construía uma separação impenetrável entre igreja e estado que faria até Thomas Jefferson corar. Nesses casos, subitamente deveríamos entender que se tratava de “um problema do pecado, não de cor de pele”, e que bastava salvar as pessoas para levar à correção desse problema. Eu não tinha muita certeza de como isso aconteceria, já que a salvação pessoal não produzia moralidade sexual de maneira automática, sem discipulado. Aparentemente, porém, isso seria solucionado. Era importante falar sobre os valores familiares e sobre tudo quanto era assunto.

Mas não sobre raça.

E não sobre temas nada populares em meio àqueles que pregavam ou decidiam se o pastor continuaria a receber seu salário para pregar. Eram assuntos considerados “distrações”, a despeito de tudo que a Bíblia diz sobre o amor ao próximo e o cuidado com os vulneráveis. Para boa parte do Cinturão da Bíblia naquela época, esse tipo de distração não era permitido. Assim, sobrava bastante tempo para debater se os aparelhos de leitura de códigos de barra dos supermercados eram os precursores da marca da besta.

Os pastores que dirigiram nossa igreja, com raríssimas exceções, eram indivíduos “acima de qualquer repreensão” moral e ética, quer as pessoas gostassem deles, quer não. Mas eu enxergava todo tipo de comportamento sórdido na cultura cristianizada ao nosso redor. Sempre que alguém do “outro lado” da guerra cultural era pego em um escândalo sexual, os cristãos diziam que é para esse lado que o secularismo leva. Mas quando se descobria que um pastor havia acariciado uma criança, ele era súbita e silenciosamente “chamado por Deus” para outra igreja. O arrebatamento em um piscar de olhos não acontecia conosco, mas com vários pregadores, enviados para outros lugares à espreita de pasto novo inocente. Vi em outros lugares do mundo cristão, em meio a pessoas que achavam que nossa igreja não “pregava com intensidade suficiente contra o pecado”, um adulto lavar a boca de uma criança com sabão porque ela disse “Deus me livre!” (uma expressão que, conforme se explicou, corresponde a tomar o nome do Senhor em vão). Mas ninguém lavou a boca daqueles líderes cristãos, nem dos pastores que usavam apelidos racistas e faziam piadas grosseiras envolvendo negros.

Ninguém pareceu notar quando um homem cristão, que falava o tempo inteiro sobre os “valores familiares tradicionais”, surrou a filha de quatro anos com o cinto quando a viu saltitando com as amigas e concluiu que ela estava “dançando”. Hoje, trinta e poucos anos depois, ainda consigo enxergar a raiva infernal nos olhos dele, enquanto catequizava a filha contra a dança, cada uma de suas palavras no ritmo das cintadas contra a pele da garotinha. E se você me colocasse para participar de uma “Corrida da Espada” fora de hora, eu seria capaz de encontrar em segundos o provérbio que aquele tipo de homem usaria para justificar sua perda da razão, caso

alguém se desse ao trabalho de confrontá-lo. Minha igreja era um refúgio de vida, mas, além de suas paredes, o Cinturão da Bíblia com frequência parecia ter muito mais do cinturão do que da Bíblia em si.

Para mim, não era uma mera questão de encontrar a verdade. Tratava-se de uma ameaça existencial. Se o cristianismo fosse apenas um meio para um fim, se Jesus fosse apenas um adereço em cima da cultura sulista da honra, então significaria que o ponto de coesão do cosmo não seria o Sermão do Monte, mas, sim, a sobrevivência do mais forte. Só nos restaria um universo de dentes e garras à mostra, um universo cujo cerne não diz respeito a amor, mas a poder. Se esse fosse o caso, então, não importava a boa intenção das pessoas que me ensinaram a cantar, Jesus não me amava, a despeito do quanto a Bíblia assim me dissesse. Eu queria morrer — e hoje percebo que minha vida de escritor não começou com a escrita de contos ou ensaios, mas com bilhetes suicidas que tentavam explicar por que eu não queria magoar ninguém e no entanto não suportava mais viver.

# 1

## Coragem e crise

.....

O que você faz aqui?

Junto com o mapa do Mississippi, há outro pendurado em minha parede. E porque ele está pendurado lá, eu não me pendurei em uma corda para morrer.

O motivo para isso foi que acabei olhando, no momento certo, para a prateleira de uma livraria, na qual vi o nome “C. S. Lewis” e me perguntei por que me parecia familiar. Logo recordei que era o autor de *As crônicas de Nárnia*, livros que eu havia lido quando criança, diversas vezes. Em minha experiência, eram mais do que livros da infância. “Para mim, o mais estranho nos livros sobre Nárnia era que eles pareciam verdadeiros na maior parte do tempo”, escreveu o romancista Neil Gaiman. “Eram relatos de um lugar real.”<sup>1</sup> Sem dúvida, eu sentia o mesmo. Até uma idade maior do que eu gostaria de admitir, eu apalpava os fundos de guarda-roupas, para ver se não havia uma paisagem recoberta de neve por ali, com um fauno e um lampião aceso. Nárnia parecia um lugar real até mesmo quando o mundo ao meu redor se enchia de falsidade, quando eu, embora ainda cristão, era como aquele que, nas palavras de Walker Percy, “perdeu a fé em tudo, com exceção da fé na Queda do Homem”.<sup>2</sup> Minha depressão adolescente significou que, por vários meses, fiquei amarrado à minha própria Mesa de Pedra, mas

era pequeno demais para chamar atenção e havia ratos carcomendo as cordas que me prendiam ali. E Aslam estava em movimento.

O livro que vi na prateleira foi *Cristianismo puro e simples*. Por conhecer Lewis, dei uma chance à obra e fui surpreendido pela alegria (como consegui constatar mais tarde). O que eu amava em Nárnia é que Lewis não escrevia para mim como uma criança, mas, sim, como companheiro de jornada. Era o mesmo nesse livro. Eu não precisava de argumentos apolo-géticos favoráveis à existência de Deus, à divindade de Cristo e assim por diante. Eu já acreditava nisso tudo. O que me alcançou foi, mesmo sem saber descrever ao certo, eu ter percebido o fato de que ele não estava tentando me vender nada. Apenas testemunhava de algo verdadeiro, de Alguém que é a Verdade.

Em certo sentido, quando mais precisei, Lewis foi um tipo de profeta. Ele não era profeta, claro, no sentido de receber uma revelação direta da parte de Deus. E seria o último a reivindicar tal título para si. Esse era um dos meus motivos para lhe dar ouvidos. Era profeta no sentido de que me contava a verdade quando suspeitei que estavam mentindo para mim. Nisso, ele estava praticamente agindo no espírito do profeta Elias. Era como se ele estivesse surgindo do nada da sepultura, como uma estação de rádio alternativa no meio do Cinturão da Bíblia.

Assim como Elias em sua roupa de pelos, Lewis parecia esquisito em minha cultura, com aquele terno, o cachimbo dependurado no canto da boca e uma expressão sarcástica como se estivesse prestes a dizer que quer jogar baralho e dançar, tudo isso enquanto desafia algum batista a competir com ele. Mais do que isso, porém, o que ele falava fazia sentido.

Assim como Elias e os profetas que o sucederam, chegando a João Batista, Lewis parecia convergir com eles na cena do rio Jordão pintada na parte de trás do batistério da igreja na qual cresci. Com aquela comunidade de profetas, ele apontava para longe de si e dizia: “Eis o Cordeiro de Deus”.

Aos poucos, não de uma vez, a neve daquele inverno em minha psique começou a derreter e o terror demoníaco se iluminou ante a realidade de Nárnia. Lewis me mostrou o quadro mais amplo da igreja ao longo das eras, com todos os seus tropeços, pecados, amor e serviço, e me levou de volta àquilo que eu já havia aprendido com minha igreja de origem. Sim, havia fraudes e impostores, mas Jesus estava vivo e minha igreja apontava para a direção certa. Lewis me levou de volta para lá, todo o longo caminho necessário.

Minha crise espiritual adolescente dificilmente tem grande importância para o mundo. A maioria das fés que persistem são testadas e provadas ao longo do caminho. No decorrer dos anos, porém, passei a perceber que muitos atravessaram o mesmo tipo de crise e nem todos terminaram no mesmo lugar que eu. Alguns anos mais tarde, fui surpreendido com uma sensação de familiaridade ao ler sobre uma crise semelhante na adolescência enfrentada pelo autor James Baldwin. Percebi que Baldwin, assim como eu, não começou a ter a crise por questões intelectuais, como quem duvida da credulidade do sobrenatural. Isso aconteceu mais tarde. Tanto ele quanto eu sentimos medo. Ele começou a identificar pessoas, inclusive parte de si mesmo, para quem o evangelho era um mero apetrecho, uma forma de sobreviver às dificuldades do mundo, e começou a se perguntar se isso era tudo. Ele havia suposto, escreveu, “que Deus e segurança eram sinônimos”, por isso, “aos catorze anos, pela primeira vez em minha vida eu senti

medo — medo do mal dentro de mim e medo do mal do lado de fora”.<sup>3</sup> Quando escreveu essas palavras, Baldwin era ateu. Se ele atacasse o cristianismo com zombaria contra o sobrenatural, eu poderia rebater seu argumento. Se ele tivesse se apresentado como alguém moralmente superior à igreja, eu seria capaz de enxergar além disso. Mas ele não parecia arrogante, orgulhoso, nem mesmo cínico. Parecia arrasado, assim como eu estivera. “Senti-me mais solitário e vulnerável do que nunca antes”, escreveu. “E o sangue do Cordeiro não havia me limpado de maneira nenhuma.”<sup>4</sup>

O que eu enfrentei, porém, não foi uma crise de fé, mas uma crise de coragem. Sentia medo. Medo de que os horrores que eu via em meio aos nascidos de novo significasse não haver novo nascimento, nem esperança, nem propósito, nem sentido e, acima de tudo isso, nenhum lar eterno no fim da vida. Eu seria um órfão cósmico, jogado em meio a um universo caótico, sem nenhum olhar divino a proteger as aves e a mim também. E o resultado final de tudo isso seria a destruição. Quando comecei a perder a fé, entrei em pânico porque me dei conta de que isso significaria perder Jesus, a mim mesmo, meu futuro, minha igreja e aquelas pessoas que jamais imaginavam que eu estava em apuros, mas que me amavam de qualquer jeito. Por isso, depois de quase cair no abismo, eu me ergui de novo e continuo de pé.

Minha crise chegou ao ponto de virada quando, ao caminhar perto de minha casa sob o céu estrelado, eu entreguei meus temores, minhas dúvidas e meu futuro a Jesus. Algo mudou naquela noite. Gostaria de poder lhe dizer que isso significou o fim de minha crise, a transição completa da covardia para a coragem. Gostaria de lembrar essa noite como se fosse o relato de Aliócha Karamázov, personagem de Fiódor